Capítulo XIV — Décima primeira dificuldade: As perseguições

I

Como as vagas do mar, em dia de tempestade, se elevam até o cume dos rochedos que bordam a costa, assim essa massa de calúnias, de acusações, de querelas e de divisões particulares sobe até o trono imperial, no qual estão sentados os Nero, os Domiciano, os Décio, os Diocleciano.

II

Para eles, é doravante um fato adquirido. O cristianismo é um elemento de discórdia, uma seita malfazeja; os cristãos, perturbadores que comprometem a tranquilidade pública e a prosperidade do império; ímpios que provocam a cólera dos deuses, cujo culto é a garantia da dominação eterna de Roma. Se os bárbaros ameaçam as fronteiras, se as legiões imperiais sofrem um revés, se o Tibre transborda, se o céu recusa suas chuvas, se a terra treme, se a fome se faz sentir, se vem a peste: os cristãos são responsáveis.

III

Ordenam-se então essas perseguições famosas, esses massacres em massa que todo o mundo conhece e que deviam, mil vezes por uma, sufocar a nova religião no sangue de seus discípulos. Num tempo em que se fazia jogo da vida dos homens, em que os tormentos mais atrozes eram os mais procurados pelos espectadores, nem a posição, nem a idade, nem o sexo são poupados. Os suplícios ordinários parecem demasiado brandos para aqueles que se considera inimigos dos deuses e do Estado. Inventam-se ou renovam-se torturas de causar arrepios.

IV

Os cristãos são açoitados com varas, submetidos a tormentos, esfolados com unhas de bronze. Despedaçam-nos a ferro, consomem-nos pelo fogo, pregam-nos em cruzes. Faz-se um jogo bárbaro de vê-los dilacerados por cães, devorados por leões. São cobertos de lâminas em brasa, sentados em cadeiras ardentes, mergulhados em óleo fervente, queimados a fogo lento. Esmagam-nos sob mós, cortam-nos em pedaços. Enterram-nos vivos. Em seus corpos cobertos de feridas, já não se rasgam senão chagas. Poupa-se com crueldade o pouco de vida que lhes resta. Escolhem-se, entre os suplícios, os que os fazem morrer mais lentamente. Curam-nos com cuidados bárbaros, para pô-los em condição de sofrer de novo.

V

A piedade está extinta para eles no coração dos homens. Aplaudem-se seus suplícios com gritos de alegria. Nem a morte os põe a salvo de seus perseguidores. Encarniçam-se sobre os tristes restos de seus corpos. Reduzem-nos a cinzas, precipitam-nos nos rios, lançam-nos ao vento para aniquilá-los, se fosse possível. Roma se embriaga de seu sangue, faz correr dele rios, e o ódio que lhes dedicam não está satisfeito.

VI

Como vasto incêndio, a perseguição, uma vez acesa na capital, comunica-se de perto em perto. Estende-se até os extremos do império, então quase tão vasto quanto o mundo. Não é uma perseguição de alguns dias: é por séculos que se deve contar o tempo dos sofrimentos da nova religião. Só se pode segui-la, durante trezentos anos, pelo rastro do sangue que derrama e pelo clarão das fogueiras que se acendem contra ela.

VII

À perseguição do sangue junta-se a das carícias; esforçam-se por seduzir os que não puderam vencer. Riquezas, honras, dignidades, prazeres, favores do príncipe: prometem tudo para ganhar homens surdos à dor, contra os quais os tormentos se embotam e para os quais a morte não tem aguilhão. Assim tudo é posto em obra para aniquilar o nome cristão.[^1]

VIII

Trazei de novo diante dos olhos as dificuldades que acabamos de indicar; depois, dando livre voo à vossa imaginação, dizei se conheceis tentativa mais gigantesca, empresa mais impossível que o estabelecimento do cristianismo.

[^1]: Bullet, *Discurso sobre o estabelecimento do cristianismo*.

Revision #1
Created 22 November 2026 12:50:29 by Admin

Updated 22 November 2026 15:38:03 by Admin